



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

EDMÁRIO SILVA LEAL

**EU SOU FAVELA: LETRAMENTOS, CULTURAS E IDENTIDADES NA SALA
DE AULA.**

Salvador

2019

EDMÁRIO SILVA LEAL

**EU SOU FAVELA: LETRAMENTOS, CULTURAS E IDENTIDADES NA SALA DE
AULA.**

Caderno Pedagógico criado para o desenvolvimento da intervenção do projeto de letramento para os estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental, apresentado como trabalho de conclusão ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza.

Salvador

2019

LEAL, Edmário Silva. Eu sou favela: letramentos, culturas e identidades na sala de aula. Memorial Formativo. Profletras, 2019.

RESUMO

A pesquisa de mestrado desenvolvida junto ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal da Bahia – UFBA comporta um projeto de intervenção que ao buscar inovar as aulas para o ensino de Língua Portuguesa desenvolveu um projeto de letramento cuja centralidade partiu da musicalidade negra, a priori, o pagode baiano, para compreendê-lo como estratégia de ensino as linguagens das periferias. O projeto foi desenvolvido em uma turma do Ciclo IV (9º Ano) do Ensino Fundamental numa escola situada em Camaçari-BA. O foco da intervenção indagou sobre a construção dos sentidos atribuídos às expressões linguísticas dos estudantes que possam dialogar com as letras do pagode bem como a importância e os efeitos na vida dos jovens estudantes para a constituição identitária. O projeto de letramento movimentou discussões em torno de questões de raça, gênero e representações do espaço social da periferia em estruturas de oficinas temáticas. No processo a interação entre os co-participantes motivou buscar compreender o que estava por trás da afirmação de alguns estudantes quando se autodenominam “Eu sou favela” e foi em torno dela que uma série de outros verbetes foram registrados o que acabou por gerar a elaboração de um “dicionário da periferia”, com o intuito de trazer os sentidos dados dos termos selecionados pelos estudantes quando aproximados de suas vidas cotidianas e muitas vezes confrontados com sentidos que geralmente circulam em sociedade. A base conceitual está ancorada nos aportes teóricos nos estudos sobre Letramentos em Kleiman (2005), Souza (2011), Rojo (2012), Letramentos de Reexistência Souza (2011), Multiletramentos Rojo (2012), Identidade e cultura Hall (2004) e (2013), gênero e relações raciais em Lopes (2011), Pinho (2004), Sodré (1998), Hooks (2013), pagode baiano Lima (2016), Nascimento (2012), Mattos (2013), periferia Carril (2006), Franco (2014), educa o como prática de liberdade Freire (1989), Hooks (2013), e gênero discursivo Marcuschi (2008). A pesquisa está ancorada nos pressupostos da metodologia qualitativa em Lüdke e André (1986) e também está sustentada em elementos de cunho etnográfico André (2005). Os resultados apresentados v o além de ressignificar o pagode baiano como uma possibilidade de ler o mundo a partir da produ o artística das periferias, pois a sequência temática das

oficinas privilegiaram os multiletramentos e a expressividade das palavras que também estão em circulação na escola, para onde os próprios alunos trazem no seu próprio corpo identidades de suas histórias de vida.

Palavras-chave: letramentos, identidade, periferia e pagode baiano.

APRESENTAÇÃO

Caro leitor e leitora você terá em mãos um conjunto de oficinas que poderá ser modificada de acordo com seu contexto de ação. Ele tem uma origem sobre a qual discorro a seguir.

Trata-se de um caderno pedagógico que dialoga com as questões que têm sido pautadas nos debates educacionais e com outras mais abrangentes do cenário político e social: identidades, relações étnico-raciais, cultura popular negra e territórios. Trata-se do resultado de um projeto de pesquisa de intervenção aplicado em uma escola municipal na cidade de Camaçari- BA, apresentado em forma de Memorial Formativo ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, como requisito à obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação Dra. Ana Lúcia Silva Souza.

Esse memorial privilegiou refletir e propor caminhos que possibilitem ao professor pensar em estratégias para o trabalho com língua portuguesa com os estudantes de escolas públicas de ensino fundamental, em especial, alunos do 9º Ano, de fato marcados pelas diferenças, através de suas próprias histórias que faz o uso social da língua no processo de interação e trocas de saberes.

A estrutura organizacional do trabalho da dissertação do mestrado está dividida em seis capítulos que o constituiu. No primeiro, eu resgato as minhas vivências, no momento em que fui aluno da antiga escola primária, dos ensinamentos familiares que me conduziram a aceitar as “diferenças” de ser resistente no meu modo de atuar, pensar e de me impor perante o mundo. Rememoro as lembranças do ensino fundamental e médio numa época em que o tradicionalismo era vigente na atuação de professores que se tornaram referências em minha vida, por acreditar que o medo e a opressão eram fatores determinantes de um futuro promissor. O ingresso à universidade refletiu o processo em que tive o contato com os clássicos, encontrando em Machado de Assis a referência que eu levo para uma vida de me reinventar e redescobrir enquanto sujeito. Relato também o ingresso para o curso de Especialização onde surgiu o desejo de estudar as literaturas africanas, em especial, os poemas de José Craveirinha. Por fim, encontro-me aqui, no mestrado do Profletras, concluindo mais um ciclo de formação profissional.

No segundo capítulo, caracterizo o meu território: a escola. Início a seção apresentando a cidade de Camaçari-BA, o paradoxo de ser uma cidade polo industrial e que se destaca nos níveis de violência no estado da Bahia. O reflexo da pobreza e marginalidade está presente na sala de aula, principalmente, na escola Laurita de Souza Ribeiro, unidade de ensino em que atuo no exercício de efetiva regência. Trago também o perfil dos estudantes que participaram do projeto de intervenção, dos primeiros contatos e a caracterização da turma.

As discussões conceituais são tratadas no capítulo seguinte. O aporte teórico dialoga com as minhas práticas pedagógicas com os conceitos utilizados na análise deste projeto de intervenção: identidade, letramentos, pagode baiano e cultura popular.

O capítulo metodológico percorre o caminho para a realização do campo. Ele aponta as escolhas teóricas que informam os instrumentos utilizados. Nele também abordo a opção pela pesquisa de intervenção que é fundamental para o mestrado profissional Profletras. O capítulo traz de maneira geral como o projeto foi aplicado, bem como as primeiras motivações para a realização. Todos os dados gerados na intervenção são analisados no capítulo seis.

Uma vez apresentado o projeto, na análise tentei mostrar a ocorrência das aulas que acolheram os vários blocos de oficinas, destacando as estratégias metodológicas de aplicação, dos instrumentos avaliativos e os reflexos para a construção de aprendizagens. Dentro deste capítulo apresento as seguintes seções: Palavras em liberdade: Periferia meu lugar, Historicidade do samba, Mulheres no comando; mulheres no poder, “É tudo ou nada”: As periferias na construção de identidades marginalizadas e Palavras em dicionário.

No último, vieram às considerações finais. Aqui abordo a conclusão do projeto, as reflexões e o efeito de mudanças pelas quais minha sala de aula passou. O resultado de um esforço coletivo, responsabilidade nas tomadas de decisão em conjunto, ressignificação de identidades dentro de uma sala heterogênea que propiciou abertura para discutir a linguagem das periferias. Acrescento ainda, as trocas de saberes que fomentaram uma nova perspectiva do ensino de língua.

Este caderno pedagógico contempla a elaboração de estratégias, de modo flexível, para a realização das ações. Apresento-lhes brevemente o roteiro que serviu de base para o desenvolvimento das oficinas:

1. Roda de conversa: apresentação individual dos estudantes; sondagem no intuito de investigar o repertório cultural, modo de vida e o território de pertença de cada um. De acordo com os relatos, foram feitas as primeiras observações que foram utilizadas para o planejamento do projeto de intervenção.
2. Planejamento das estratégias pedagógicas interligados ao currículo de ensino de língua portuguesa.
3. Estudos do conteúdo Poema e Poema Visual.
4. Oficina 1: Palavras em Liberdade: Periferia meu lugar.
5. Oficina 2: Historicidade do samba e as relações étnico-raciais da Lei 10639/03; Estudo sobre a História do samba e do samba-de-roda e as influências de contribuição para o pagode baiano.
6. Oficina 3: Produção de letra de pagode com o tema: “Mulheres no comando; Mulheres no poder”.
7. Oficina 4: “É tudo ou nada”: As periferias na construção de identidades marginalizadas.
8. Oficina 5: Dicionário Linguístico em produção: sentidos e significados de interação entre periferias.

O objetivo desse caderno pedagógico é compreender as linguagens das periferias e como esse fenômeno social se constitui para a formação identitária dos estudantes do 9º Ano do Ensino Fundamental. Para tanto, partimos da interação da música negra, a priori, o pagode baiano, a partir de uma perspectiva sócio-histórica e discursiva, o uso e funcionamento que emerge em letra, musicalidade, corpo, negritude, gênero, territórios e significado semântico de representação que se constitui na corporeidade e no movimento destes sujeitos na escola como instrumento de ação à prática pedagógica ao dos letramentos.

Oficina 01

Tema: **PALAVRAS EM LIBERDADE: “PERIFERIA MEU LUGAR”**

Público-alvo: Alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental - Anos Finais

Duração: 04h/aulas de 45 minutos.

A proposta desta atividade é trabalhar expressões linguísticas da subalternidade e a relação de poder instituído aos marginalizados que vivem nas periferias dos centros urbanos. A voz excluída ganha potência e o caráter discursivo que por meio das resistências políticas, lutam pela igualdade social e reivindica os direitos tomados pela posição de poder, dadas pelas questões de desigualdades sociais.

Objetivo geral:

Propor uma discussão sob o ponto de vista da definição de PERIFERIA, de acordo com o que os estudantes retratam através das experiências de vida, associando a imagem e a palavra por meio dos poemas visuais, características peculiares na descrição desse território. Por meio dos recursos gráficos e textuais, os estudantes atribuirão sentidos para possíveis leituras que constituirão para a coleta de dados e a produção dos verbetes acrescidos em outras oficinas.

Objetivos específicos:

- a. Relacionar poema visual ao seu contexto de produção que caracterize o espaço social da periferia na concepção do estudante;
- b. Estabelecer conexões entre texto e conhecimentos prévios de acordo com as vivências dos estudantes;
- c. Reconhecer o uso e o emprego das expressões atribuindo-lhes os sentidos pretendidos, que definam o espaço da periferia;
- d. Produzir poema visual, levando em conta o gênero e seu contexto de produção.

Passo a passo:

- I. Discutir a ideia do gênero textual poema e poema visual, destacando por meio da estrutura de composição, marcas de posicionamento que define o sujeito como o agente do discurso;

- II. Destacar expressões que definam o espaço da periferia dada pelos estudantes;
- III. Identificar as diferenças que possam ser estabelecidas entre o que estudante define o verbete periferia em relação aos que são registrados nos dicionários oficiais do Houaiss e Aurélio;
- IV. Produzir poemas e poemas visuais em diferentes contextos que retratem o espaço da periferia;

Percurso e estratégias:

- I. A aula poderá ser iniciada com a turma numa conversa informal buscando uma reflexão sobre o que os alunos pensam em relação ao gênero poema, no intuito de ativar os conhecimentos prévios, partindo da predileção ou não quanto à leitura desse gênero e como eles o diferenciam na estrutura com outras produções do quais eles escrevem no cotidiano em sala de aula;
- II. Leitura do texto “Presságio” de Fernando Pessoa: Análise e discussão do texto. É interessante que o professor abra um espaço de interação com os estudantes explorando a oralidade para aquilo que eles percebem em relação ao conteúdo do texto, as relações que possam ser dialogadas com as experiências vivenciadas, o uso da palavra que se estabelece a interação entre autor e leitor destacando a sentimentalidade e o tratamento ao tema em questão. Essa oralidade espontânea permitirá para um estudo e uma nova perspectiva para a análise linguística, em que terá outros movimentos de saída das armadilhas do roteiro preestabelecido das questões do livro didático, vinculadas a localização de informações, análise gramatical para identificação de termos e/ou situações descontextualizadas com os estudantes.

"Presságio"

(Fernando Pessoa)

O amor, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar p'ra ela,
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de dizer.
Fala: parece que mente...
Cala: parece esquecer...

Ah, mas se ela adivinhasse,
Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
P'ra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala,

Fica só, inteiramente!

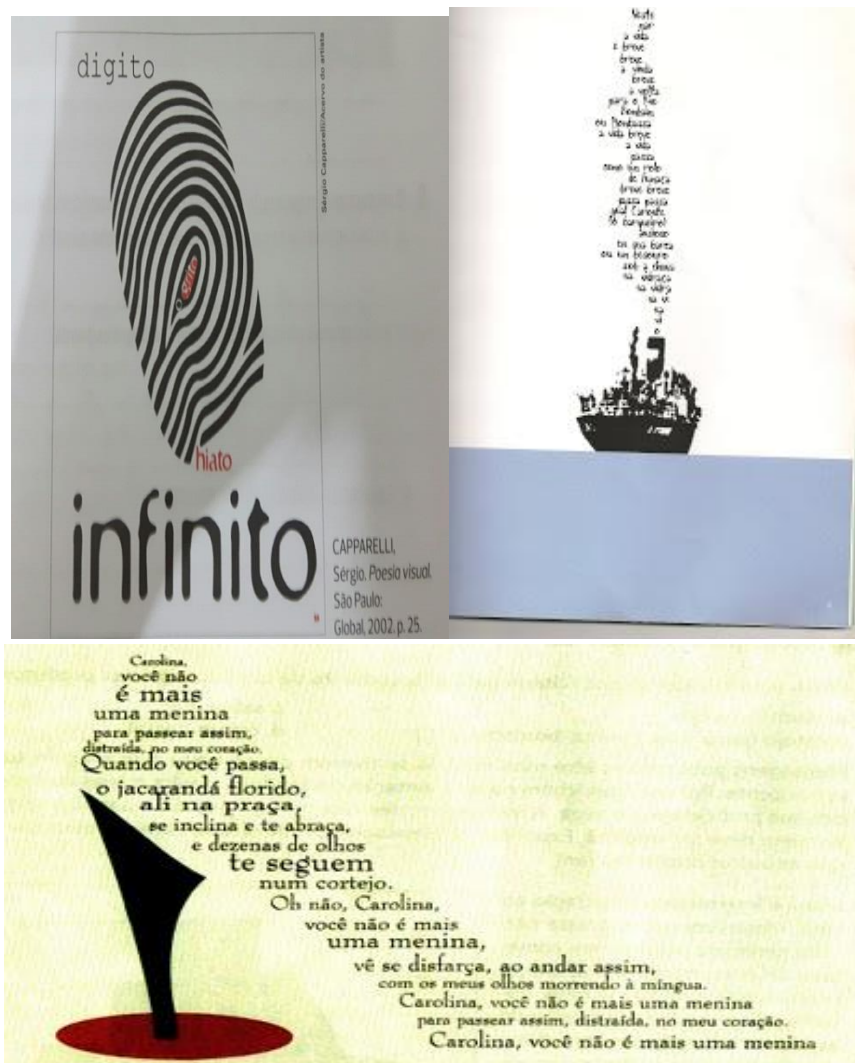
Mas se isto puder contar-lhe

O que não lhe ousou contar,

Já não terei que falar-lhe

Porque lhe estou a falar...

- III. Apresentação de poemas visuais de Sergio Caparelli. Nesse momento, haverá uma discussão com estudantes para que eles percebam os recursos explorados quanto à representação de imagem e distribuição das palavras.



- IV. Estudo da estrutura composicional dos poemas visuais: palavras em liberdade.

- V. Produção de poemas visuais que caracterizem o espaço da periferia sob o olhar do aluno. Nessa discussão, o professor deverá estar atento para anotações precisas quanto aos relatos descritivos que marquem particularidades entre outras periferias e que possam ser dialogadas em outros contextos de representação. É interessante que o professor explore

pelos relatos dos estudantes os primeiros registros dos verbetes que poderão ser coletados e trabalhados em outras oficinas, dando-lhes sentido e significação de uso acompanhando novas formas de representação. A priori, o termo periferia deverá ser o ponto de partida.

- VI. Para a produção da atividade, solicitar aos alunos a composição de um poema visual com o seguinte tema: “*Periferia, o meu lugar*”. Os alunos poderão produzir a atividade de modo individual ou em pequenos grupos. É interessante que o professor circule entre os grupos para fazer um atendimento individual, estabelecendo um exercício de escuta para ouvi-los quanto a necessidade de abordar algum tema específico. Alguns poderão trazer para a produção sugestões como: violência, empoderamento feminino, grafite, tecnologia, entre outros. O desejo de revelar o seu espaço estabelece trocas de conhecimentos e novas aprendizagens das quais tanto o professor quanto o aluno poderão descobrir novos espaços e formas de resistências. A escolha das expressões deverá contemplar a representação da periferia para aquilo em que o estudante se identifica no meio social do qual ele faz parte.

Recursos:

Livro didático;

Papel ofício e material de pintura;

Data show e notebook

Oficina 2:

Tema: **HISTORICIDADE DO SAMBA, SAMBA-DE-RODA E PAGODE BAIANO**

Público-alvo: Alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental - Anos Finais

Duração: 05h/aulas de 45 minutos.

Objetivo geral:

Compreender a historicidade do samba, sua evolução e as influências que contribuíram como estratégias de resistências da cultura negra na formação da

sociedade brasileira, a partir da compreensão do amparo legal da Lei 10639/03 que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana.

Objetivos específicos:

- a. Contextualizar historicamente o percurso da origem do samba, reconhecendo os aspectos culturais da cultura negra no período pós-abolição, as influências que contribuíram para o samba-de-roda no recôncavo e as relações que consequentemente estão presentes no pagode baiano.
- b. Catalogar os verbetes samba, samba-de-roda e periferia (construção de conceitos: sentido e significação semântica a partir da compreensão histórica).

Passo a passo:

- I. Esta oficina pode ser dividida em dois blocos de discussão, que correspondem ao total de cinco aulas. Nas duas primeiras, o professor poderá discutir a exposição teórica direcionada para a historicidade do samba, mobilizando os conhecimentos prévios dos estudantes de como eles o definem esse ritmo brasileiro e as formas de resistências que estão presentes nessa cultura negra. Para as três últimas aulas, o professor pode traçar a evolução do samba para o samba-de-roda e as influências que contribuíram para o surgimento do pagode baiano.
- II. Uma roda de conversa pode gerar uma roda de samba? Após a exposição teórica o professor pode transformar nesse momento de interação uma roda de samba. A sugestão é trazer um repertório em que os estudantes tenham acesso, principalmente se estiverem disponível nas plataformas digitais ou na própria playlist do celular. Para essa aula, foi escolhido o vídeo da música “Ai, ai, ai” do grupo Harmonia do Samba (2015).
- III. Catalogar os verbetes samba, samba de roda e periferia.

Percurso e estratégia:

- I. De onde se originou o Samba? Partindo dessa pergunta motivadora para os estudantes, o professor pode abrir uma discussão explorando os conhecimentos prévios dos alunos, mostrando a importância que independente do samba ser carioca ou baiano se torna menos relevante quando se pretende estudar a cultura negra de representação identitária. Se o

samba expandiu e conquistou lugares, então ele se define da forma em que foi concebido, com características próprias de resistências.

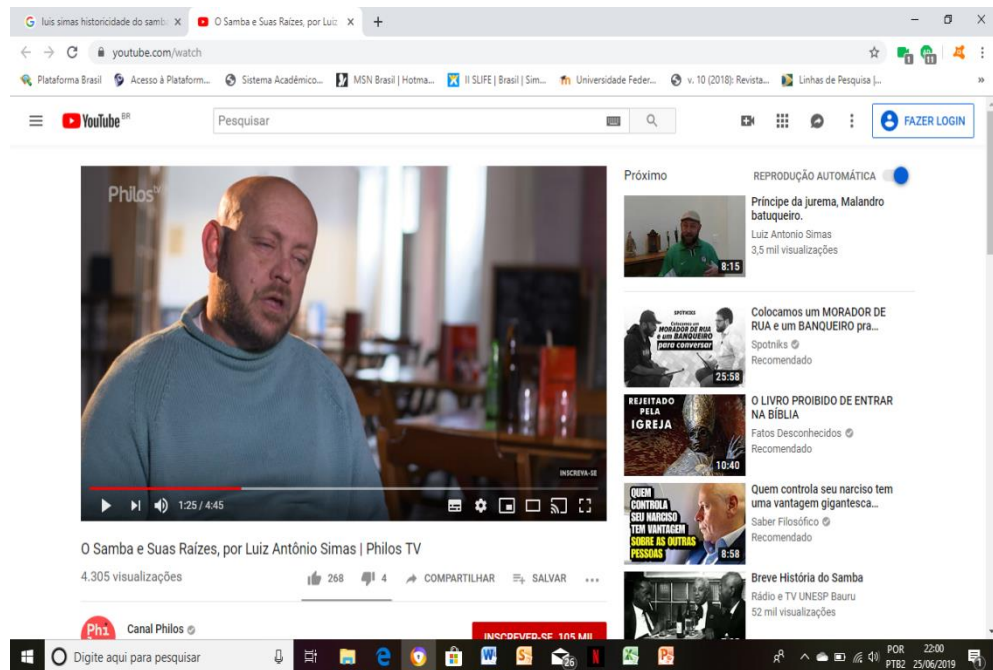
- II. Após esse momento de escuta, o professor poderá apresentar uma breve linha histórica, reconhecendo os aspectos da cultura negra no período pós-abolição e estabelecer um diálogo com as histórias de vida dos estudantes. O encontro entre o passado e a contemporaneidade podem apresentar situações de preconceitos e racismos marcados nesses corpos negros, sobretudo, quando se vulgariza o samba para a exploração sexual do corpo, carnavalizando-o para outras práticas de violência.
- III. Durante a exposição teórica, o professor poderá apresentar para a sala o livro “O samba o dono do corpo” de Muniz Sodré.



É interessante que o livro circule nas mãos de todos os estudantes para que eles possam ter o contato com a obra, folheasse as páginas para saber do que se tratava o texto, principalmente observasse a imagem da capa e comentasse brevemente aquilo que os tinham chamado atenção. A leitura da imagem é essencial, principalmente, se os estudantes associarem a cena da escravização no encontro em que se agrega a coletividade, corpos em movimentos que celebram o ato festivo, e, independente de onde surgiu o samba, ele está presente nos espaços de pertença onde o negro mantém viva a resistência contra as imposições de apagamento do opressor.

- IV. Em seguida, a sugestão é que se apresente para a turma a entrevista do escritor e historiador Luís Simas, do qual ele retrata a historicidade do

samba. Este vídeo tem aproximadamente 07 minutos e está disponível nas plataformas digitais do youtube.com.

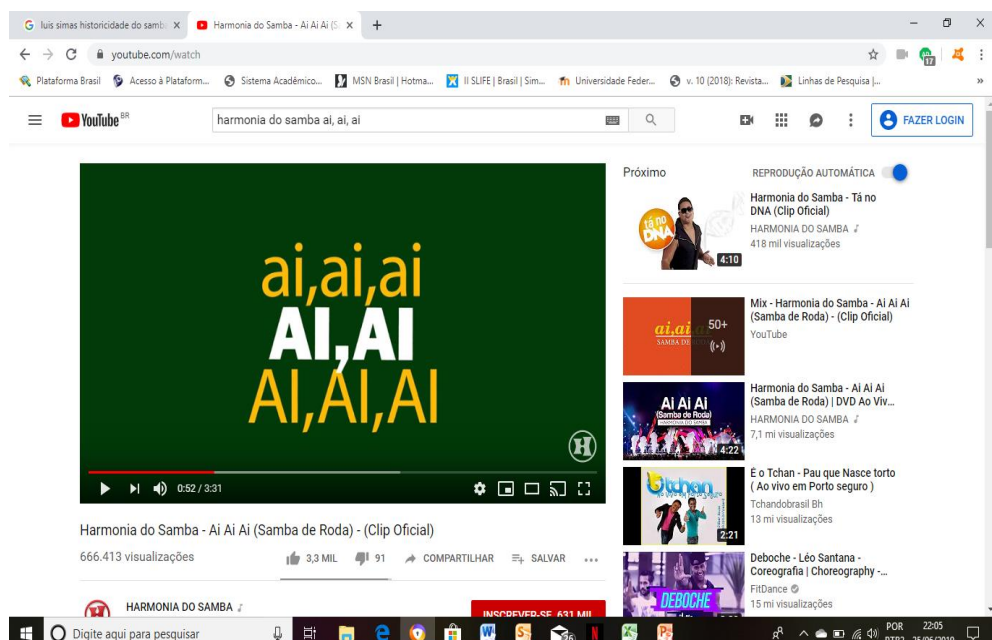


- V. No segundo momento da oficina, as discussões anteriores a respeito do samba podem ser retomadas, e, se o professor arrumar a sala em círculo, ele pode iniciar a aula com a seguinte reflexão: o que uma roda de conversa tem em comum com uma roda de samba? Alguns estudantes baseado nas informações históricas podem trazer sugestões que numa roda de samba podemos compartilhar experiências, ter a humildade de perceber a existência do outro e a cumplicidade de dialogar o momento festivo. Caso apareçam as palavras-chaves: compartilhar, perceber e dialogar o professor pode tornar em aprendizagens significativas frutos da oficina anterior, por que a interação transcendeu para a formação cidadã do sujeito crítico, na construção de identidades e de pertencimento da cultura negra.
- VI. Avançando na discussão, a sugestão é a apresentação do documentário “Samba de roda do Recôncavo Baiano (Registrado como patrimônio cultural do Brasil, em 05/10/2004)”, disponibilizado na rede pela plataforma do youtube.



A partir desse documentário o professor poderá trabalhar o conceito de identidade e respeito às diferenças, partilha e troca que traz na essência da cultura popular do samba de roda saberes de vidas resistentes.

- VII. Para encerrar o bloco da oficina, o professor pode trabalhar o vídeo da música “Ai, ai, ai” (2015) do grupo Harmonia do Samba.



O interessante desse vídeo é que ele traz o texto escrito da canção sem a exibição do artista. É um exercício de letramento na medida em que os alunos leem o visual para a interação com os demais colegas. Primeiro, eles

podem ouvir a canção e se familiarizarem com o texto. Depois, eu o professor pode improvisar uma roda de samba. A marcação das palmas pode promover interação com os estudantes de forma interativa produzindo e compartilhando saberes.

- VIII. A proposta da atividade, segue a sequência da oficina 1. Os alunos deverão atribuir o conceito para as expressões: periferia, samba e samba de roda. É importante considerar que não foi levada em conta a categoria gramatical dos termos, origem e formação dessas palavras. A sistematização se deu na compreensão da aprendizagem associada aos conhecimentos prévios, na roda de conversa e na sistematização teórica da oficina. A liberdade de escolha que melhor defina os sentidos de significação desses termos pode dar ao aluno a autonomia que expressem os conceitos de forma denotativa ou na função poética, tanto na produção de novos poemas visuais quanto na elaboração de versos livres. Durante a atividade, o professor deverá estar atento aos grupos para dialogar a estrutura de composição da atividade, e, na sequência ampliar os sentidos para a proposta de letramentos no universo do pagode baiano. As retomadas das oficinas podem auxiliá-lo, dando-lhes corporeidade para outras discussões.

Recursos:

Livro: “Samba o dono do corpo” – Muniz Sodré (1998)

Dicionário Aurélio e Houaiss

Papel ofício ou folha de caderno

Data show, notebook e pen-drive

Caixa amplificadora

Oficina 3.

Tema: “MULHERES NO COMANDO; MULHERES NO PODER”

Público-alvo: Alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental - Anos Finais

Duração: 04h/aulas de 45 minutos.

Objetivo geral:

Discutir as relações de gênero na cena do pagode baiano, articulando os conhecimentos dos estudantes para a relação existente entre o machismo e outras causas de preconceito que menospreza a imagem da mulher e a coloca na subalternidade da opressão.

Objetivos específicos:

- a. Compreender o conteúdo dos textos associando ao seu conhecimento de mundo;
- b. Discutir as questões de gênero que estão presentes na produção cultural do pagode baiano e/ou outras situações de produção cultural negra;
- c. Discutir as relações identitárias que marcam nas letras do pagode baiano situações de opressão vinculadas à imagem da mulher.
- d. Observar a representação do território (periferia) e as relações que possam ser dialogadas com a realidade do território dos estudantes;
- e. Construir letra de pagode que reverencie o respeito a mulher, dando-lhes o reconhecimento e a liberdade de livre escolha para as tomadas de decisão;

Passo a passo:

- I. Estudo dos vídeos-clipes das músicas: MANOEL (Banda Lá Fúria) e GINGA (Iza). A atividade ocorrerá em dois momentos:
 - a. Leitura apenas das imagens: percepção dos elementos em torno da periferia e a representação da mulher negra em cada canção;
 - b. Leitura das imagens com áudio: relações entre o que se diz pela a imagem e o que se representa no discurso da letra.
- II. Etapa final: preferencialmente, composição de uma letra de pagode de autoria feminina ou que os demais estudantes retratem na letra a corporeidade da mulher no centro da discussão.

Percurso e estratégia:

- I. Para início de nossa conversa, o professor pode pedir aos estudantes que façam uma pequena lista contendo os nomes das principais bandas/artistas do pagode baiano. Em seguida, ele poderá listar no quadro quem são as bandas/artistas que trazem nas composições cenas que descrevam a periferia (e os problemas sociais) e como a mulher é representada nas cenas que ocupam destaque. A partir desse momento, os alunos irão se posicionar quanto as descrições feitas se elas evidenciam o que elas são, ou se discordam diante do contexto de representação. O professor precisa estar atento a essa mediação, para que não haja conflitos de ideias, principalmente, no olhar para as meninas que estão participando da discussão. Atitudes e comportamentos machistas precisam sim ser questionados, porém no equilíbrio para as discussões.
- II. Após essa listagem, o professor poderá apresentar uma letra de pagode que possa ser vinculado na aula, apontando questionamentos importantes para o sujeito que fala na música; para quem ele se dirige; quais são os espaços de circulação que essa música possa atravessar; dialogar com a historicidade da evolução do samba; representação identitária da cultura negra, enfim, o pagode baiano pode ser usado como saída para estudos de letramentos, na medida em que há compreensão corpórea e promove ação coletiva de sujeitos contra a opressão.
- III. A sugestão nesta oficina é que se apresentem dois vídeos que abordam a representação da mulher negra: preferencialmente, o primeiro seja um pagode e o segundo que seja de outra produção cultural negra. É interessante que cada vídeo seja apresentado duas vezes, sendo momentos específicos para a leitura de imagens sem áudio, pois a intenção é desencadear descritivo da cena, destacando alguns pontos que podem ser ou não correlacionados com a letra da música. A sugestão para a escolha das músicas deve partir previamente dos estudantes que juntos com professor decidirá se a letra é ou não é apropriada para o trabalho em sala de aula, respeitando a conduta moral dos estudantes para que ao se sintam constrangidos pela exposição. Depois da leitura das imagens o professor retoma o vídeo e o passa na íntegra com o áudio, pois a possibilidade de se notar aspectos que não tinham sido escutados, mas sim, observados na leitura restrita das imagens, cria mecanismos de relevância sobre o estudo da cultura negra que

possivelmente tenham passado despercebidos quando se concentra apenas na letra da música. Segue abaixo, a escolha do repertório junto com os estudantes do 9º Ano, a ordem das músicas apresentadas:



Manuel
(La Furia)

Compositores: mc digu / mc keron)

Trouxe um presente pra você
Sério amor? Meu Deus do céu!
Eu trouxe uma aliança
Ei, seu nome é Magnata
Tá escrito outro nome nesse anel
É que os caras errou
Agora eu sou o Manuel

Manuel, Manuel, Manuel
Ai para Manuel
Manuel, Manuel, Manuel
Ai para Manuel
Manuel, Manuel, Manuel
Ai para Manuel!

Ginga

(Iza - part. Rincon Sapiência)

Composição: Sérgio Santos / Ruxell / Rincon Sapiencia / Pablo Bispo

Sagacidade pra viver
Lutar, cair, crescer
Sem arriar ou se render
Tem que defender
(Ai, ai, ai, ai)

Observar e absorver
Com fé no amor, no bem
Se liga no meu proceder
Sigo em frente e vou além

Vem dançar, brilhar
Deixar o som guiar, levar
Se liga, pega a visão do coração
Que a vida não pode parar

Entra na roda e ginga, ginga
Entra na roda e ginga, ginga
Se entrou na roda, vai ter que jogar
Pra se manter de pé, cê vai ter que dançar

Entra na roda e ginga, ginga
Fé na sua mandinga, na roda, ginga

Se o assunto é meter dança, já larguei na pole
A cintura que destrava nesse desenrole
O corpo desenrolado não é rocambole
Seu plano já foi bolado, quero que rebole
A cintura mole, mole, mole, mole, mole
Se ela me chamar pra dança, claro que eu topo
Tamo dando gole, gole, gole, gole, gole
Uma mão tá na cintura e a outra no copo

(Vou seguir de pé, vou seguir com fé)
(Vou seguir de pé, vou seguir com fé)

Vambora
Vamo gingar, sem vulgarizar
Pra suar a camisa, sem economizar

Pode avisar, firme a gente pisa
Pesadão-dão-dão no estilo Iza
Nem mesmo o céu é o limite
Foco no trabalho, muito mais que palpite
Tudo que te prende, é melhor que evite
A música liberta e eu te faço um convite

- IV. A exibição dos dois vídeos permitiu reflexões para: a) leitura e análise levando em consideração a voz poética, proposta do conteúdo abordado nas letras, leitura de imagem, interlocução no diálogo com o leitor e efeitos de sentido semântico de expressões repetidas no refrão; b) caracterização da mulher e as relações sociais que podem ser equiparadas na cena da periferia, corporeidade discursiva que envolve a dança, empoderamento, corpo negro e relações históricas com o samba.
- V. Os alunos deverão ser divididos em pequenos grupos para a produção da atividade. A partir da orientação do professor, cada grupo deverá escrever uma letra de pagode com o tema: “*Mulheres no comando, mulheres no poder*”. A priori, as letras deverão apresentar vozes que ecoam posicionamento crítico referente ao machismo e liberdade corpórea da própria mulher de se decidir nas próprias escolhas sem quaisquer tipos de imposições. As meninas e os meninos terão a oportunidade de se expressarem apresentando propostas interessantes, principalmente no movimento corpóreo de respeito e indignação contra a objetificação sexual e imposições aos trabalhos domésticos.

Recursos:

Papel ofício ou folha de caderno;

Data show, notebook e pen-drive

Caixa amplificadora

Oficina 4:

Tema: “É TUDO OU NADA”: AS PERIFÉRIAS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES MARGINALIZADAS.

Público-alvo: Alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental - Anos Finais.

Duração: 3h/aulas de 45 minutos

Objetivo geral:

Discutir os problemas político-sociais das periferias, analisando em textos de produção cultural negra, aspectos que retratem a marginalidade, exclusão e resistência do negro contra a opressão.

Objetivos específicos:

- a. Selecionar palavras e expressões que marquem o discurso de resistências, de caráter coletivo, os sentidos semânticos contra a subalternidade e as mazelas da periferia;
- b. Compreender por meio dos textos selecionados a imagem da violência retratada nos meios de comunicação que definem a periferia;
- c. Dialogar por meio das produções culturais negras, a priori, o pagode baiano e o rap, as representações das periferias que caracterizam identidades subalternas;

Passo a passo:

- I. Estudo de dois vídeos-clipes dos artistas Edcity “É tudo ou nada”; Sabotage “Cabeça de Nego” e Sabotage “Sai da frente”
- II. A discussão será em torno do corpo resistente perante a marginalização social frente aos problemas de exclusão. São histórias de vidas que podem ser associadas no contexto dos territórios dos nossos estudantes. A proposta da atividade é descrever o espaço de pertença, e discutir a expressão “Empoderamento da favela” sinalizando quem são estes corpos e os modos de resistências que constituem a periferia.

Percurso e estratégias:

- I. No processo da oficina, o professor deverá estar sempre atento para a escuta das “coleções” Rojo (2012) que os estudantes trazem nas influências do que eles ouvem e compartilham com os demais colegas nos intervalos. O desafio é encontrar caminhos para ter acesso à informação.
- II. É importante que o professor crie um momento na roda de conversa para que os alunos descrevam a periferia em que eles vivem, caracterizando-a as

mudanças ocorridas através das narrativas dos próprios pais ou por meio de outras histórias contadas pelos vizinhos ou amigos.

- III. A sugestão é trazer duas produções distintas das quais falemos sobre a periferia. Navegando nas páginas da internet o trabalho com Carol Conká serviu como referência para continuar a discussão da oficina anterior que tratou sobre o empoderamento feminino. Nesse contexto, esta oficina abriu o espaço para situar a mulher no centro do comando, a força feminina negra. No clipe, Carol faz uma releitura da música de Sabotage “Cabeça de Nego” e revela o espaço da periferia da comunidade do Boqueirão de forma ampla. O olhar de cima para baixo e o movimento interno do entorno desta comunidade contam narrativas de memórias que estão vivas no cotidiano dos nossos estudantes e que dialogam nas formas de resistências no tempo de Sabotage, ou seja, na contemporaneidade os sujeitos da periferia mantêm viva a necessidade de se reinventar para sobreviver.

Cabeça de Nego
(Sabotage)

Ieiêo iê Obá, Olorum modupé, Odá odara iêeee

O nêgo não pára no tempo, não
Suas origens vêm de Angola há um bom tempo
Sabo/tizil Brasil, bem Brasil, no Rio, do verdinho cabeça de nêgo!
Desfecho conforme vive o vento se mostra
Respeito pro povo
Um ofenso universo
Pprotetor do Orun, que olheu colheu o ouro, ouro no Olorum vem do terreiro

Nêgo não pára no tempo
Teve um tormento, a dor que é forte, se sentiu lá dentro
Maracutaia lá do norte, o mano vai viver
Maracutaia segue a seco um dia irá chover
Sabe por quê?

Nêgo não paga veneno pode acreditar, se você já sabe a um bom tempo
Oo nêgo pára um bom tempo, seja África, Brasil, brasileiro
Maracutaia em toda parte, vejo no governo
Tem ACM, Lalau, pra deixar tormento
Tem muito tempo, o pobre pagando veneno
Mesa branca, aruanda, que canta com fama
Que manda a mensagem ao Canãô êeeeeeeeeee

Nêgo não pára no tempo
Teve um tormento, a dor que é forte, se sentiu lá dentro
Maracutaia lá do norte, o mano vai viver
Maracutaia segue a seco um dia irá chover
sabe por quê?

Eeeeeeeee ei bêbe um bebezín' tiririonã eu vi um bebezín' tiririonã!

Faço o que faço há um bom tempo, chegou
Eu tô com carro parado, uma preta do lado
Empapuçado de mato
Rica (chegado) chega
Presta um cigarro, se pá, não pago besteira
Brasil tô na palma, pandeiro não pára
De Porto Alegre à Candelária, um bom tempo na praia

Porque o nego não pára, não pára não pára, há um bom tempo
O nego não pára, África vejo o momento

Tipo: Anastácia, Tereza, relembra Mãe Meninha
O Cantois pode crer, cê sempre vai ter vida
Maracanã lotado, o desastrado, por isso ja é sabado
Tudo o que eu faço é torcer
Mais vai ver: a trajetória do Timão vencer
(Periferia sofre em vida, mas tira um lazer)
Quem é o defensor do Ôrum vai saber dizer
Quem é o protetor da guerra vai sabe viver, hey

Nêgo não pára no tempo
Teve um tormento, a dor que é forte, se sentiu lá dentro
Maracutaia lá do norte, o mano vai viver
Maracutaia segue a sede um dia irá chover
Sabe por quê?

Faço o que faço, não quero pedaço
Sou nêgo véio chegou, talvez tô com mato
Enlricado, empapuçado, muita sede do lado
Chegando sempre vejo um preto, vou mandando o recado
Sabote, vejo sim, quero dizer que vim, do Brooklin surgiu aqui
Que reivindiquei estou aqui porque
Um novo tempo vai poder dizer que, é
Sobre um passado de um tempo presente

Moleque de black, descalço, vou chapando o coco, correndo no morro
Aeroporto vivo vivo, Água Espraiada é assim, é
O tempo todo Deus está por mim
Porque eu faço o que faço não mando recado
E faço o que faço, não mando recado
(Diz) faço o que faço não mando recado
(Sim) faço o que faço não mando recado

Nêgo não pára no tempo
Teve um tormento, a dor que é forte, se sentiu lá dentro
Maracutaia, lá do norte, o mano vai viver
Maracutaia, segue a seco/sede, um dia irá chover
Sabe por quê?

- IV. A releitura do vídeo Carol Conká, pode ajudar o professor a observar detalhes descritivos sobre a periferia e motivar o aluno a ler nas imagens a própria realidade social.
- V. Em seguida, o professor pode apresentar a periferia do Canão na leitura próprio rapper Sabotage no clipe “Sai da frente”. As imagens vêm em forma de animação, com depoimento do artista, explora no grafite a imagem em

movimento do sujeito que corre contra as adversidades diante das condições sociais encontradas. A marcação do refrão “*sai da frente*” significa a luta pela liberdade no ato coletivo para as conquistas de uma vida digna contra o sistema opressor. Portanto, o movimento de correr entre os espaços escusos onde estão sujeitos acuados por conta da criminalidade mostram também as marcas da exclusão presentes em outras periferias em que os alunos estão expostos a todo o momento.

Sai da Frente (Sabotage)

Vamos chegar
Favela outra vez está no ar
Sai da frente!
Que o mar não tá pra peixe
Entende, minha gente
Quem não for do corre sai da frente!
As águas sei, tão turvas
Aqui ou no Oriente
A fome em Sampa
A ruína esmagadora
Agrava a gente
Click-Clack BANG!
Sai da frente gente
Bala perdida é igual cadeia
Dura e ardente
Me disseram que o sol nasceu pra todos
Pra quem será que dizem, mano?
Pra nós que é pobre
Sempre, um simples tolo!

Mas quem fica na favela
A guerra é pros loucos
Um nim bom dos doidos
Um toldo para os porcos
E lá a classe esmagadora
Se supera eu corro, disseram: Esquece!
Se dando se recebe
A guilhotina na favela é o 12
157, posso fingir ou mentir
Fazemos coisas ruins
Mas se pintar ti, ti, ti
Logo o estopim vai cair
Então por que reclusão?
É bem melhor o perdão
Sai da frente
O promotor disse não, disse não
Disse não, disse não
O réu unanimemente acusado
Foi declarado culpado!

Sai da frente!

Que o mar não tá pra peixe
Entende, minha gente
Quem não for do corre sai da frente!
As águas sei, tão turvas
Aqui ou no Oriente
A fome em Sampa
A ruína esmagadora
Agrava a gente
Click-Clack BANG!
Sai da frente gente
Bala perdida é igual cadeia
Dura e ardente
Me disseram que o sol nasceu pra todos
Pra quem será que dizem, mano?
Pra nós que é pobre
Sempre, um simples tolo!

Momento exato, pra se lembrar dos fatos
É o que deu de errado?
Hoje o trancado está trancafiado
Agora em cela fria
Tirando 8 e 4
É sai da frente minha gente quando a chuva cair
Não vá se desesperar
Já tava escrito, é assim
Quem nasce preto ou branco pobre
Joga o jogo da glória
Guerreiro, nasceu guerreiro
Encara a trajetória
Então acorda!
Levante, erga se, erga se
Raciocine e lute
Pra sair daí com liberdade
O mundo pode ser melhor que eu vi
Melhor que a convivência aqui, olha pra mim
Sou igual a ti
De carne osso eu vim, rumo itinerário ser feliz
Sem ti, ti, ti
Eu quero progredir
Pra mudar aqui temos que partir juntin
A união transforma em força

Move gente de tantos país
Educadamente, inteligentemente sai da frente
Hoje eu quero ver meus manos mais cientes
possível
Sempre, sempre presente e consciente!

Sai da frente!
Que o mar não tá pra peixe
Entende, minha gente
Quem não for do corre sai da frente!
As águas sei, tão turvas
Aqui ou no Oriente
A fome em Sampa
A ruína esmagadora
Agrava a gente
Click-Clack BANG!
Sai da frente gente
Bala perdida é igual cadeia
Dura e ardente
Me disseram que o sol nasceu pra todos
Pra quem será que dizem, mano?
Pra nós que é pobre
Sempre, um simples tolo!
Quem é me entende

Você que está aqui tratado como gente
Sempre pense, faça algo
Ou então patente
O homem nasce, cresce, cria o filho e aprende
Senhor, me leve pela dor
Me tire da serpente e eu vou
No erro me sentir em perdão eu quero
Só espero não por dentro da Bíblia um dia um
berro
Sei que o que vejo aqui é feio
Deixa trêmulo, é muito feio
É a fusão a fome e o medo insano
Inodoro, não tem cheiro
Sai da favela
Invade a cadeia adentro
A raiva invade o ser humano e infeta o ar e o
vento
Deixa a luz daqui morre os de lá como de fosse
inseto
Procure sempre andar com Deus
Dispense o berro
Deus Pai, Deus Filho, Deus eu creio
Então que eu faça o certo!
Sai da frente!
Sai da frente!

VI. No vídeo “É Tudo ou Nada” o professor pode levar a discussão sobre a posição dos sujeitos que se autodenominam representantes da Favela para falar do próprio espaço. O uso das expressões “*príncipe do gueto*”, “*dono da cidade*”, “*Trator de Salvador*”, entre outros, demarcam discursos politizados em favor da representação coletiva das comunidades periféricas. É importante retomar a discussão para o significado semântico da expressão “empoderamento” para conceituar junto com os alunos o que os artistas chamam de “*empoderamento da favela*”.

É Tudo Ou Nada (Edcity/ Igor Kannário)

Cidade, eu tô fechado com você
Sacode aí que eu quero vê
O chão da praça estremece, estremece

É tudo ou nada, é tudo ou nada
Eu sou Edcity, dono da cidade
Represento a favela, é sim de verdade

É tudo ou nada, é tudo ou nada
Eu sou Kannário, príncipe do gueto
O barril dobrado e não pode ser nada

É tudo ou nada, é tudo ou nada

Chiclete Ferreira, sou o trator
De Salvador que arrastou, bagaçou

Ôh que bota é nós sim, quem bota é nós cêro
Olha quem bota é nós sim
Tamo juntos misturados quebrando preconceito

É tudo ou nada, é tudo ou nada
É tudo ou nada, é tudo ou nada

Virou, virou, virou
Vira, vira, virou

Ôh que bota é nós sim, quem bota é nós cero
Olha quem bota é nós sim
Tamo juntos misturados quebrando preconceito
Quem bota é nós sim

Nosso povo não aguenta mais, ser passado pra
trás
Povo sofre demais, preconceito demais
Povo batalhador, que tem fé no senhor, Deus já
abençoou

- VII. A proposta da mediação é discutir três mundos/periferias com olhares distintos: a intertextualidade entre o espaço e tempo na transformação da periferia onde a voz feminina empoderada se faz presente; o discurso de resistência do sujeito marginalizado frente aos problemas de exclusão e alteridade de representar o espaço da periferia que luta contra o regime de opressão.
- VIII. A proposta da atividade é coletar novos verbetes para a construção do dicionário, principalmente, o significado para as expressões “identidade” e “resistência”. Os alunos acrescentarão expressões linguísticas que definem o espaço da favela, a representação dos sujeitos nas formas de resistência e outras formas de comunicação presentes no meio social de pertença.

Recursos:

Papel ofício ou folha de caderno;

Data show, notebook e pen-drive

Caixa amplificadora

Oficina 05

Tema: “DICIONÁRIO LINGUÍSTICO EM PRODUÇÃO: SENTIDOS E SIGNIFICADOS DE INTERAÇÃO ENTRE PERIFERIAS”

Público-alvo: Alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental - Anos Finais.

Duração: 08h/aulas de 45 minutos

A tarefa de elaborar o dicionário, a priori, deve considerar a enumeração das informações que possam constar socialmente a caracterização linguística das periferias dos estudantes, baseada no conjunto de todas as atividades das oficinas pedagógicas anteriores descritas aqui anteriormente.

Para esse momento, o trabalho será dividido em duas partes:

Passo-a-passo:

Parte I:

- I. A seleção dos verbetes no processo de todas as oficinas passará pelo processo de ressignificação. Serão acrescentadas novas expressões em que os estudantes avaliarão para a entrada do dicionário. A mediação será conduzida atendendo todos os grupos, tirando-lhes dúvidas e sistematizando a organização para o lançamento do trabalho final.

Parte II:

- I. Organização do material final do dicionário: palavras em ordem alfabética: informações sobre estrutura interna e externa dos verbetes, significados e seu uso social;

Objetivo geral:

Perceber que os dicionários oficiais não atendem a realidade social linguística na vida dos estudantes que vivem nas periferias. A imersão dos estudos e conhecimentos linguísticos permitirá que eles leiam, escrevam e expressem a própria vida, levando em consideração as necessidades e habilidades de serem usuários desta língua no processo de interação.

Objetivos específicos:

- a. Resignificar o sentido semântico dos verbetes selecionados das oficinas pedagógicas que representem as linguagens da periferia.
- b. Coletar novos verbetes atribuindo-lhes significação para ampliar a interação entre os falantes das comunidades da periferia.
- c. Problematizar os significados da expressão catalogada de forma clara e precisa

Percurso e estratégias:

- I. Arrumação da sala em pequenos grupos: Após o levantamento dos verbetes extraídos em todas as oficinas, os estudantes farão a análise e os devidos

ajustes quanto à significação e ressignificação dos vocábulos que representam as linguagens das periferias.

- II. Caso haja a necessidade de acrescentar outros verbetes para ampliar o dicionário, os grupos terão a autonomia de inseri-los. É preciso que o professor esteja atento para as possíveis mudanças e ele deverá acompanhar as alterações, observando a entrada de possíveis expressões pejorativas que possam gerar insultos ou constrangimentos para os demais colegas.
- III. Após análise, ajustes e correções dos verbetes, cada grupo fará uma apresentação breve para os demais, sinalizando as modificações sugeridas no intuito de promover um debate para que outros leitores, a quem é dirigido à função social deste dicionário, façam o uso dele e que sejam atendidas as expectativas de encontrar as palavras esperadas;
- IV. Lançamento do dicionário linguístico para a comunidade escolar. Os alunos darão o depoimento da participação de todas as oficinas, do levantamento dos dados analisados e conclusão das atividades feitas em sala que resultou no produto final do dicionário.

Recursos:

Dicionário Aurélio e Houaiss

Papel ofício ou folha de caderno;

Texto impresso;

Data show, notebook e pen-drive

Caixa amplificadora